

CAPÍTULO II

APRENDER DA HISTÓRIA E DA REALIDADE: VER

2.1. O processo de Iniciação à Vida Cristã ao longo da história

39. Animados pela narrativa do encontro de Jesus com a Samaritana, a Igreja, que somos todos nós que o seguimos, é chamada, hoje, a promover um novo encontro luminoso, um novo diálogo, com novos interlocutores, reconhecendo que nos encontramos em um momento histórico de transformações profundas e de interlocuções novas.¹³ O *Documento de Aparecida* caracteriza este momento como de “mudança de época”.¹⁴ Em nosso país, essas transformações assumem características comuns que “afetam os critérios de compreensão, os valores mais profundos”,¹⁵ da vida, da família, da sociedade. Nesse cenário de mudança, a Igreja vive e age. Não estamos partindo do zero. Há um passado que pode impulsionar-nos a buscar constantemente novos caminhos, para que cheguemos a viver, com autenticidade e zelo ardente, o seguimento de Jesus, a partilhar com Ele a missão de fazer acontecer o Reino no mundo de hoje.

¹³ EG, n. 52.

¹⁴ DAp, n. 44.

¹⁵ CNBB. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (DGAE) 2015-2019*. Documentos da CNBB 102. Brasília: Edições CNBB, 2016, n. 21.

40. Jesus formou discípulos e discípulas, instruindo-os com sua original atitude de acolhida, de compreensão e de valorização das pessoas, principalmente das marginalizadas. A vida de Jesus transformou de tal modo essas mulheres e esses homens que, aos poucos, foram compreendendo que a salvação cristã é vida concreta, existência cotidiana, de relação pessoal com Deus e com os irmãos e as irmãs. É, também, libertação do pecado, das injustiças e das limitações humanas. A expressão "novo" é fundamental nas atitudes de Jesus: ordens novos (Mt 9,17), mandamento novo (Jo 13,34), nova aliança (Lc 22,20). Tudo isto teve seu ponto alto na entrega pessoal de Jesus, da sua própria vida na cruz, na certeza da sua ressurreição, para permanecer conosco para sempre.

41. O conteúdo essencial do primeiro anúncio (querigma) trata da vida de Jesus de Nazaré, de sua pessoa, de sua mensagem, de sua missão e de seu momento culminante de morte e ressurreição (Páscoa). Por aí passou a formação progressiva de novos discípulos. Nesse processo, contavam sempre com a ação do Espírito Santo, presente no testemunho de vida dos que já faziam parte das comunidades cristãs.

42. A partir do segundo século, a Igreja, aos poucos, estruturou um processo para a iniciação de novos membros a uma nova identidade, como cristãos inseridos na comunidade eclesial, prontos a celebrar a fé e assumir a missão. Tal processo de iniciação, mais tarde, foi denominado Catecumenato. Sua finalidade era possibilitar, por meio de um itinerário específico de iniciação, a preparação, prioritariamente de pessoas adultas que tinham manifestado o desejo de assumir a "fé da Igreja". Elas aceitavam entrar e prosseguir por um caminho bem articulado de aperfeiçoamento do propósito de conversão celebrado na recepção dos "sacramentos da iniciação cristã" (banho batismal, unção pós-batismal e primeira participação na Ceia

do Senhor). Era um caminho que acolhia a salvação de Deus e se expressava na vida da comunidade. Para isso, ao longo do itinerário catecumenal, havia uma série de ensinamentos, um conjunto de práticas litúrgicas (imposição das mãos, exorcismos, entregas simbólicas etc.) e, de modo especial, uma séria demonstração de vida cristã, através da participação na vida da comunidade. Essa instituição eclesial de tipo pastoral-litúrgico, foi se aperfeiçoando, até meados do século IV. Foi um processo que entrou em lenta decadência, a partir do século V, até desaparecer por completo, entre os séculos VI e VII.

43. O declínio do processo catecumenal aconteceu no contexto do que se chamou de cristandade, quando a maioria das pessoas se tornou cristã. Gradativamente, a transmissão da fé cristã acontecia como herança recebida. As pessoas nasciam em ambiente cristão e iam adotando os comportamentos e as práticas do meio religioso ao qual pertenciam. Era um cristianismo herdado, transmitido como tradição familiar e social.

44. Aos poucos, na cristandade medieval, os sacramentos da iniciação cristã eram celebrados sem muita relação entre eles. O Batismo de crianças se tornou prática comum, desligando-se de sua relação com a Crisma e a Eucaristia. A fé encontrava expressão nas devoções aos santos, nas peregrinações, nas penitências. Grande importância passaram a ter as orações decoradas. A Bíblia era proclamada nos sermões, encenada ao longo das procissões e festas e representada na pintura, na escultura, no teatro, nos cantos e nas narrativas populares. Era uma catequese da piedade popular.

45. A Igreja, após o Concílio de Trento (1545-1563), elaborou um Catecismo, a ser utilizado pelos párocos, centrado no conhecimento da doutrina da fé, na instrução moral, na celebração dos sacramentos e nas orações cristãs. Essa estrutura deu origem a um processo no qual o Catecismo passou a ser a

referência oficial de transmissão da fé. Este foi um modelo de caráter mais doutrinal. Uma parte da população continuou a alimentar sua fé, por meio da piedade popular.

46. O estilo pastoral da cristandade influenciou a formação de muitas pessoas. Respondeu aos desafios de seu tempo, em especial, dedicando-se à dimensão doutrinal da catequese. Mas, hoje, o mundo tornou-se diferente, exigindo novos processos para a transmissão da fé e para o discipulado missionário.

2.2. O caminho que já conseguimos fazer

47. O Concílio Vaticano II (1962-1965) nos convidou a procurar novos caminhos para a transmissão da fé, em nosso tempo. Ele deu um impulso significativo e novo à pastoral, estimulando-a a ler os sinais dos tempos e escutar o Espírito que está em ação no mundo. O Vaticano II recomendou oficialmente a restauração adaptada do Catecumenato¹⁶ e apresentou os seus traços característicos.¹⁷ Além disso, prescreve a elaboração de um diretório de formação catequética.¹⁸

48. Impulsionada pelo Concílio, a Igreja avançou e pode contar hoje com um acervo documental, nesse campo: o *Diretório Catequético Geral* (1971), o *Ritual da Iniciação Cristã de Adultos* (1973), a *Catechesi Tradendae* (1979), o *Catecismo da Igreja Católica* (1992), o *Diretório Geral para a Catequese* (1997) e o *Compêndio do Catecismo da Igreja Católica* (2005). Nesse processo de renovação conciliar, diversos Sínodos versaram sobre temas fundamentais como: a evangelização, a catequese, a família, a Palavra de Deus, a Eucaristia, a vocação e missão dos leigos e leigas. Em tudo isso, a Igreja tem levado em consideração novas circunstâncias e necessidades, para poder

¹⁶ CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium* (SC), n. 64-65.

¹⁷ CONCÍLIO VATICANO II. Decreto *Ad Gentes* (AG), n. 14.

¹⁸ CONCÍLIO VATICANO II. Decreto *Christus Dominus* (CD), n. 44.

promover de fato o encontro pessoal com Jesus Cristo e o acompanhamento formativo de seus novos discípulos missionários.

49. A Igreja no Brasil acolheu estas orientações especialmente nos documentos: *Catequese Renovada* (1983) e o *Diretório Nacional de Catequese* (2006). Outros textos – *Iniciação à Vida Cristã* (Estudo da CNBB 97, 2009), *Comunidade de comunidades, uma nova paróquia* (Documento da CNBB 100, 2014) e o *Itinerário Catequético* (2014) – também têm nos auxiliado a assumir a inspiração catecumenal como eixo condutor de toda a ação evangelizadora, pastoral, litúrgica e missionária de nossas dioceses, paróquias e comunidades eclesiais. Merecem destaque dois documentos de 1974: *Pastoral da Eucaristia*¹⁹ e *Pastoral dos Sacramentos da Iniciação Cristã*.²⁰ Juntamente com a preocupação pastoral sacramental derivada daquela época, já era apontada a necessária promoção da vivência do que os sacramentos significam. Desejava-se, então, uma autêntica iniciação, isto é, o encontro com o Senhor, na vida em sociedade, na fraternidade cristã, na participação da liturgia e na missão eclesial.

50. Este desafio deu origem a uma série de iniciativas renovadoras em muitas dioceses, paróquias e comunidades, por parte de leigas e leigos, consagrados e ministros ordenados, comprometidos com a renovação pastoral da iniciação cristã. Foram muitos os que se empenharam em novas experiências evangelizadoras, catequéticas, litúrgicas, bíblicas, missionárias e formativas. Isso tudo nos permitiu, desde 2011, assumir a urgência da Iniciação à Vida Cristã em nossas *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2011-2015*,²¹ como tarefa de toda a comunidade eclesial e não desta ou daquela pastoral.

¹⁹ CNBB. *Pastoral da Eucaristia*: subsídios. São Paulo: Paulinas, 1974.

²⁰ CNBB. *Pastoral dos Sacramentos da Iniciação Cristã*. São Paulo: Paulinas, 1974.

²¹ CNBB. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil* (DGAE) 2011-2015. Documentos da CNBB 94. Brasília: Edições CNBB, 2011.

É a comunidade inteira que precisa se responsabilizar, transformando-se em “casa da Iniciação à Vida Cristã”.²²

2.3. A urgência de um novo processo de Iniciação à Vida Cristã

51. Em um momento de crise, como este do mundo em mudança, somos profundamente questionados. O próprio Senhor nos retira de nossa acomodação e nos chama a responder a esse novo desafio. O Evangelho não mudou, mas mudaram os interlocutores. Mudaram os valores, os modelos, as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens e das mulheres de hoje.²³ Jesus nos convida a sair, a escutar, a servir, em um movimento de transformação missionária de nossa Igreja.²⁴ Essa atitude exige estarmos atentos aos sinais dos tempos. O processo é de escuta e atenção aos clamores do povo. Voltando-nos assim para a “Samaria” dos nossos dias, como fez Jesus, abrem-se novos espaços, livres, críticos, comunitários e fraternos, onde a fé cristã pode emergir, com uma renovada pertinência, na busca de mais humanidade e de melhor qualidade de vida, com um profetismo especial, que responda às necessidades de nossa realidade.

52. Essa complexa realidade, na qual estamos mergulhados, nos revela que a experiência de fé cristã se encontra hoje em uma espécie de estado generalizado de busca e de recomeço. Fica para trás um determinado modelo eclesial, marcado pela segurança da sociedade de cristandade e desponta um processo de renascimento de um modelo de Igreja pobre com os pobres, em saída missionária para as periferias geográficas e existenciais.²⁵ É tempo de germinação, somos chamados a viver algo

²² DGAE 2015-2019, n. 41-46; 83-92.

²³ CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* (GS), n. 1.

²⁴ EG, n. 19-49.

²⁵ *Ibidem*, n. 20-23.

novo que nasce, por meio do impulso revitalizador do Espírito Santo, que renova a face da terra.

53. Para que o anúncio do Evangelho aconteça, é necessária a devida atenção aos desafios da realidade. O Papa Francisco, na *Evangelii Gaudium*, elenca alguns deles: a economia da exclusão, a idolatria do dinheiro, a desigualdade social que gera violência, a cultura do provisório, a proliferação de novos movimentos religiosos fundamentalistas, a promoção de uma espiritualidade sem-Deus, a perda do compromisso com o comunitário, o relativismo moral, a fragilidade dos vínculos familiares.²⁶ Queremos destacar alguns aspectos, com um olhar pastoral, sem pretender fazer uma análise exaustiva desta realidade:²⁷

- a. A fragilidade dos vínculos familiares é uma marca de nossos tempos. O caminho da família passa por diversas mudanças, difíceis até mesmo de serem elencadas.²⁸ Vivemos o crescente perigo de que o individualismo exagerado desvirtue os laços familiares;
- b. A perda do sentido do sagrado, da transcendência e do pecado, o que gera uma cultura que relativiza valores capazes de dar sentido à vida;
- c. A perda do senso de pertença comunitária, provocada pelo individualismo que “favorece um estilo de vida que debilita o desenvolvimento e a estabilidade dos vínculos entre as pessoas”,²⁹ levando um considerável número de pessoas a se afastar da comunidade eclesial³⁰ ou a “esconder-se e livrar-se dos outros”;³¹

²⁶ *Ibidem*, n. 52-75.

²⁷ *Ibidem*, n. 50-51.

²⁸ FRANCISCO. Exortação Apostólica *Amoris Laetitia* (AL). Documentos Pontifícios 24. Brasília: Edições CNBB, 2016, n. 32-49.

²⁹ EG, n. 67.

³⁰ DGAE 2015-2019, n. 26.

³¹ EG, n. 91.

- d. A crise ética em virtude da perda das referências de valores, na qual a verdade é produzida pelo indivíduo, em função de interesses pessoais, sem vínculos com o bem comum, “especialmente daqueles que são mais pobres e vulneráveis”;³²
- e. A violência que se origina das desigualdades sociais³³ e da banalização da vida, agravada, ainda mais, com a corrupção que gera “atitudes de desconfiança e descrédito nas possibilidades de mudança”;³⁴
- f. A intolerância em relação ao diferente, gerando atitudes sectárias, de fechamento, de divisão, de conflito entre os seres humanos, colocando-os uns contra os outros;
- g. O pluralismo religioso que nem sempre é vivido com o necessário respeito, dificultando o diálogo ecumênico e inter-religioso;
- h. A internet e as redes sociais digitais são parte integrante de nossa vivência cotidiana. Este ambiente digital tem proporcionado não só a extensão das capacidades comunicativas humanas, mas também uma nova maneira de se compreender, pensar e se relacionar;
- i. Em muitas situações, ainda encontramos a pastoral dos sacramentos da iniciação desligada da vida comunitária, da pastoral de conjunto e do compromisso sociotransformador;
- j. A “pastoral de manutenção, em detrimento de uma pastoral decididamente missionária”,³⁵ expressa em homilias superficiais, catequeses sacramentalistas e falta de acompanhamento dos processos evangelizadores;

³² DAp, n. 47.

³³ EG, n. 59-60.

³⁴ DGAE 2015-2019, n. 23.

³⁵ *Ibidem*, n. 26.

- k. O pouco espaço que o processo de Iniciação à Vida Cristã, os estudos teológico-pastorais e da Catequética, nessa perspectiva, têm na formação do ministério ordenado;
- l. O desconhecimento do RICA por parte de ministros ordenados e de catequistas.

54. Esses são alguns indicadores que nos estimulam a reconhecer a necessidade de trilhar caminhos novos que o Pai, pelo Espírito Santo, nos inspira para chegar ao coração das pessoas. Mesmo que a familiaridade com o mistério cristão se tenha diluído em nossos dias, urge propor a fé na alegria do Evangelho.³⁶ O encontro com o Messias (Jo 1,35-51), no mundo contemporâneo, é possível. Mas precisa ser proposto de maneira a cativar mais as pessoas, para que se possa fazer a experiência impactante da verdadeira adesão a Jesus.

2.4. Um caminho ainda a ser percorrido

55. Os sinais dos tempos, lidos à luz da fé, exigem de nós humildade, atitude de acolhida, criatividade e capacidade dialogal que, a exemplo do que aconteceu no encontro entre Jesus e a Samaritana, possibilitem um itinerário que facilite a caminhada rumo à conversão. E isto sinaliza a necessidade da conversão pastoral. É preciso estar em constante movimento de saída, de gestação permanente, sem nos apegarmos a um modelo único e uniforme.

56. A inspiração catecumenal que propomos é uma dinâmica, uma pedagogia, uma mística, que nos convida a entrar sempre mais no mistério do amor de Deus. Um itinerário mistagógico, um desejo que nunca acaba. Porque Deus, sendo amor,

³⁶ EG, n. 1.

nunca se esgota. A mística é a entrada nesse movimento de busca de Deus, que para a fé cristã, concretiza-se no encontro com o outro. E, "cada vez que nos encontramos com um ser humano no amor, ficamos capazes de descobrir algo de novo sobre Deus".³⁷

57. O importante é cultivar a mística do encontro, fazendo com que nossos interlocutores, a exemplo da mulher da Samaria, sejam auxiliados, não tanto a ouvirem e falarem sobre Deus, mas sim, a ouvirem e falarem com Deus (Jo 4, 25-26): "devemos dizer muitas coisas ao novo crente, mas mais a Deus por ele, do que a ele sobre Deus".³⁸ Portanto, ela inclui, mas não pode ser reduzida à realização de tempos e etapas, a esquemas rígidos e uniformes, a itinerários e rubricas.

58. A inspiração catecumenal necessita da consciência da verdade expressa por Tertuliano: "os cristãos não nascem, se fazem".³⁹ Ou ainda, como diz o *Documento de Aparecida*, citando o Papa Bento XVI: "não se começa a ser cristão por uma decisão ética ou uma grande ideia, mas pelo encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, que dá novo horizonte à vida e, com isso, uma orientação decisiva".⁴⁰

59. O processo de conversão pastoral que temos diante de nós exige uma ação pastoral centrada em um primeiro anúncio do essencial da fé, que chamamos de querigma. O querigma é trinitário.⁴¹ É anúncio de que: Jesus Cristo, enviado pelo Pai, ama e dá sua vida para salvar, e agora vive conosco todos os dias, pelo Espírito Santo, para iluminar, fortalecer, libertar.⁴² Ele ocupa o centro da atividade evangelizadora e de toda iniciativa de renovação eclesial.

³⁷ Ibidem, n. 272.

³⁸ SANTO AGOSTINHO. *De catechizandis rudibus*, XIII, 18.

³⁹ TERTULIANO. *Apologeticum*, XVIII, 4.

⁴⁰ DAp, n. 12.

⁴¹ DGC, n. 100.

⁴² EG, n. 164.

60. O processo continua por uma ação pastoral mistagógica, muito importante para os nossos dias. A mistagogia é uma progressiva introdução no mistério pascal de Cristo, vivido na experiência comunitária. Papel importante, nesse processo de imersão, desempenham as celebrações litúrgicas e o aprofundamento dos sacramentos da Iniciação à Vida Cristã.

61. A busca de todos esses elementos nos permitirá realizar a Iniciação à Vida Cristã, isto é, o processo de ser conduzido para dentro do mistério amoroso do Pai e de ser inserido na comunidade eclesial, para professar, celebrar, viver e testemunhar a fé em Jesus Cristo, no Espírito Santo. Fazer da Igreja, uma "casa da Iniciação à Vida Cristã" é um caminho necessário para a evangelização no contexto atual.



Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

Iniciação à vida cristã:

itinerário para formar
discípulos missionários



Documentos da CNBB

107